

Cotidianos na Pós-modernidade: Técnica, Rock e Velocidade

Introdução: Comunicação e Tecnofobia A Efervescência do Cotidiano

A TÉCNICA SEMPRE FOI um dos elementos de mediação nas relações culturais e sociais. O homem sempre teve suas relações com o meio físico e social limitadas por seus suportes tecnológicos. A princípio sua voz, a expressão de seu rosto, seus braços, mãos, pés e pernas. As trilhas, os animais de carga, as rotas de caravanas, a roda, o navio, o papel, a escrita, o telégrafo, o telefone, o avião, o rádio, a TV, os satélites, as linhas de fibra ótica, enfim todos os aparatos que fazem o homem conseguir efetuar trocas com seus semelhantes. Se olharmos pela ótica generosa de Michel Maffesoli, perceberemos o processo de trocas como um elemento que faz parte do dia-a-dia da socialidade humana, que constrói diariamente relações sociais e culturais. As trocas, o comércio, são formas de comunicação. As primeiras estradas foram abertas por mercadores, homens que foram de cidade em cidade para trocar e, assim, estenderam laços de socialidade. Assim como acontece em relação à mídia de massa, muitos intelectuais, principalmente de esquerda, criticam o comércio, o processo de trocas e a produção de bens de consumo. O problema talvez resida na maneira como os homens agem neste processo, não no processo em si. A ética humana (ou a falta dela) e a moral (ou a sua falta - ou sua inadequação) é que podem tornar o processo prejudicial para algum indivíduo ou para grupos sociais. E Edgar Morin já nos mostrou que muitas vezes atrás de um discurso em prol de uma ordem democrática está na verdade um outro autoritarismo messiânico tão opressor quanto o que diz pretender combater. A solução está na consciência do homem.

Compartilho o otimismo de Michel

Militão de Maya Ricardo

Mestrando em Comunicação Social - PUCRS

Maffesoli, sua visão de contexto, sua atenção ao não-racional, não lógico, ao emocional e ao afetivo. Aprecio a profundidade de sua análise, que percebe a complexidade das coisas superficiais da vida cotidiana e a importância que ele e Edgar Morin dão ao afeto, ao amor e à dimensão espiritual da organização social humana, o que percebo quando os vejo admitir os mitos e os totens em suas análises da organização da nossa existência social e cultural. Acredito, como Morin, que toda a tecnologia de comunicação que tem sido desenvolvida ao longo do nosso século (XX) não é nem boa nem má. Bom ou ruim é o que o homem faz com ela. Temos o privilégio de conviver com equipamentos que nos permitem interessantes experiências, como, por exemplo, a visualizar o nosso planeta como um só. As distâncias foram encurtadas (ou o tempo que nossas mensagens levam para percorrê-las). O mundo é menor. Hoje percebemos nossa finitude. Hoje sabemos que seus recursos são limitados e temos noção que dependemos dos humores de nosso planeta para viver, que não somos seus senhores, mas apenas (sobre)vivemos nele. Somos (nós, humanos) parte de um sistema, que possui um equilíbrio, que se alterado pode vir a causar nossa própria extinção. Graças à comunicação pudemos ter esta visão, esta noção, e espalhar esta preocupação. Podemos inclusive começar um processo de educação por via destes novos canais. A tecnologia pode ser bem utilizada. As análises de Morin já mostraram que muitas críticas à mídia na verdade escondem projetos autoritários frustrados pelo pluralismo anárquico da mídia de massas, da sociedade de massas. Maffesoli analisa a riqueza dos elementos banais dos cotidianos. Morin clama pelo humanismo.

A intelectualidade de esquerda brasileira tem tido ao longo de décadas uma atitude bastante hostil em relação ao uso dos modernos meios de comunicação, notadamente as mídias eletrônicas. Mais do que isto, a atitude mais comum foi a negação da mídia e a recusa em manipular os instrumentos e assimilar (ou desenvolver, o que seria

desejável) a linguagem e os usos deste instrumental. Isto deve-se às influências causadas por uma interpretação equivocada da escola de Frankfurt, notadamente Adorno e Horkheimer. Isto chegou ao nível do exagero nos anos 60, em eventos como a marcha da música brasileira contra a guitarra elétrica, com o apoio de setores da sociedade que diziam pretender "promover o desenvolvimento do Brasil", ou patrulhamentos ideológicos que condenavam nossa alegria cotidiana e a ausência de discurso ideológico racional no rock da jovem guarda e dos mutantes (que eram os reais revolucionários, afinal). Não que a simples adoção da guitarra significasse o desenvolvimento. Mas como promover o desenvolvimento se não se aceitam os novos desenvolvimentos da tecnologia? Se nem ao menos os testamos, experimentamos suas possibilidades, não tentamos descobrir que usos sejam possíveis e que benefícios eles poderiam trazer.

O Rock: Mosaico da Socialidade, Barroco e Veloz

O que é afinal o rock? Ritmo? Comportamento? Rito? ("Rock in Rito"??) Estilo? Um estilo sonoro-estético-comportamental formado com os retalhos do cotidiano comum, a trilha sonora dos lugares-nenhuns dos bairros onde moram as pessoas-comuns. Um tecido musical baseado no ritmo, na pulsação, que expressam esteticamente o emocional e o afetivo das pessoas. A música da tragédia dionisiaca dos indivíduos que formam a "massa humana" da população. A canção do inconformismo silencioso que rejeitou o projeto do devir racionalista moderno. O som nascido da explosão que estilhaçou as formas ancestrais. Estilhaços acelerados pela velocidade e pela quantidade informacional que a tecnologia moderna nos permite atingir. Uma cultura da mídia de massa? Ou uma cultura da massa, que chegou pela mídia?

O culturalismo francês, especialmente em Michel Maffesoli e Edgar Morin, nos permite analisar e visualizar a partir de uma

ótica muito interessante o fenômeno estético, cultural e social do rock como uma das mais vivas expressões dos tempos e da sociedade pós-moderna. Utilizando-se o instrumental de Maffesoli pode-se contextualizar o rock dentro do contexto da vida da nossa sociedade deste final do século XX.

Ao discutir a imperfeição cotidiana, sem preocupar-se em indicar um *dever* - um *deverá vir a ser* num futuro que é determinado de acordo com as ideologias organizadoras da razão moderna - e entendendo sua natureza paradoxalmente harmônica, Maffesoli nos lega um instrumental teórico que permite com que analisemos o rock em sua riqueza - justamente sua falta de pureza, que tem origem no lugar comum da vida urbana dos bicos e vizinhanças de uma sociedade mediada pela comunicação de massa. Ao mesmo tempo em que o jovem afirma sua individualidade, ele compartilha os mitos e os rituais, os encontros onde troca referências com os membros do seu(s) grupo(s) de amigos, músicos, criadores, etc.

O rock é uma expressão da sociedade pós-moderna, ou um reflexo deste conviver pós-moderno, que teve origem nos Estados Unidos, na década de 50, mas que se alastra pelo globo terrestre na medida em que as condições da pós-modernidade se fazem presentes. Hoje é uma expressão da vida globalizada, algo que é aparentemente uniformizador em sua globalidade e, ao mesmo tempo, possibilita a expressão das individualidades tribais e pessoais em qualquer canto onde esteja. Esta é a razão de sua disseminação e de sua aceitação. O Rock é flexível o suficiente para ser reapropriado e recriado em qualquer parte, o que lhe permite manter alguns traços fundamentais que fazem com que seus apreciadores sintam-se integrados - pelo menos no estilo da aparência ou do gênero maior.

O rock é a música dos não intelectuais, dos não ideológicos. É música dionisiaca - no fundo sempre será - e libertária. Alimenta-se dos lugares-comuns, das referências de ninguém especial, e ao mesmo tempo de todos. E algumas vezes um ninguém torna-se

um totem, mito talvez depois, e serve então para dar valor à nossa vida banal. O rock nasceu nos quintais da América Macarthista dos anos 50, desestabilizando a moral da sociedade conservadora e racista através do "não-discurso ideológico", do ritual da dança, dos quadris requebrando e celebrando eroticamente de forma implícita o abandono do cartesianismo bom-moço. O rock abandonou o futuro para viver o presente. Tão intensa e velozmente que cada novo dia presente havia uma nova forma, forjada na velocidade das partículas informacionais. Uma composição neobarroca. O rock espalhou-se mundo afora através da mídia de massa. Sem ela não seria o fenômeno social que é. Não seria global. Para horror de frankfurtianos ortodoxos, uma forma de arte bastarda, a mistura da mistura, que adquiriu profundidade na sua superficialidade abrangente. Mistura cada vez mais rápida que explode e recombina-se na velocidade das antenas de rádio e tv, que integra coletivamente os imaginários individuais fazendo com que todos sintam-se juntos, parte da massa, do grupo, da tribo e ao mesmo tempo sejam indivíduos anônimos perante o sistema. Indivíduos na sua dança não-política, na sonoridade "bluesy" & caipira, na poesia que fala de sua dor individual que é a mesma dos seus semelhantes. A trilha sonora dos "sem glamour", que assim forjaram seu estilo, seu glamour próprio, seu não-glamour passivo (não é o não-glamour de Baudrillard - é a resistência passiva de Maffesoli). Seu primeiro ícone foi um caminhoneiro do Tennessee, que idolatrava sua mamãezinha, que cantava como um bluesman negro, tinha "quadris de borracha" e que morreu envolto em lantejoulas de Las Vegas e cercado de sanguessugas bajuladores. E virou mito. Rebelde para uns, kitsch como um pingüim de geladeira para outros. Porém, mito. Elvis. "The Pelvis". "The King". Semideus dos teatros-cassinos dourados de Las Vegas e das lanchonetes empoeiradas de beira de estrada.

Anos 60: O rock se politizou, mas não no formato democrático-racional-ocidental. Ao contrário, propôs uma revolução compor-

tamental como meio para a solução dos conflitos humanos. Propôs a não-política, a não-violência, a diversidade, o amor e a espiritualidade. Negou de forma pacífica o comportamento da sociedade e da racionalidade burguesas. Seu próprio modo de ser - o estilo, a significação visual, a moda que individualiza e homogeniza novamente dentro do grupo, a tribo, o abandono do discurso cartesiano racional - constituiu tamanha ameaça ao estado nacional burguês que as reações foram violentas: a repressão policial aos estudantes do campus de Berkeley, ordenada pelo então governador da Califórnia Ronald Reagan, a prisão de "totens", como Mick Jagger e Keith Richards, dos Rolling Stones ou John Lennon, por porte de drogas (mas que evidenciavam uma preocupação com a influência que estes novos líderes exerciam sobre as pessoas, sem o uso do instrumental da política democrática).

As drogas embora ainda sejam um aspecto muito complicado destes episódios, também foram um aspecto importante da questão. Ao alterar os sentidos da percepção humana e mergulhar no inconsciente, excluindo-se da dimensão racional, as pessoas mais uma vez estavam negando pacificamente, contestando passivamente através da não-ação o modelo vivencial político-cartesiano-racional-ideológico. O problema é que as drogas destroem o corpo humano, a saúde, cobram um preço muito caro por sua ação. Então devemos bani-las ou deixar a decisão de utilizá-las ou não a cargo de cada consciência, do próprio julgamento de cada pessoa? Muitos buscaram caminhos alternativos para a alteração da consciência - os métodos e religiões orientais, de tradição milenar, que trazem conhecimentos não-racionais ancestrais, que hoje espalham-se pelo ocidente, provocando reações assustadas na academia, que se pensa única mandatária da razão e do saber, que só aprendeu a trabalhar dentro do sistema racional, colocado em cheque na pós-modernidade.

Vamos deixar o rock um pouco de lado e falar sobre o ambiente onde ele apareceu. Sobre a sociedade que vive mais intensamente

sob o signo da mídia, da tecnologia, da velocidade e da mobilidade. Uma sociedade complexa em sua (segundo críticos) superficialidade pós-moderna.

A América do Norte - Continente Pós-Moderno - Terra da Técnica, da Velocidade - Terra do Rock

A América é o continente da velocidade, da mudança, da transitoriedade. Não é à toa o sucesso da televisão aqui. Não é à toa que o rock and roll nasceu aqui. Neste local surgiram as grandes cadeias de rádio e TV. Aqui começou a mediação da cultura cotidiana através da mídia em larga escala. Aqui cresceu, ganhou proporções significativas e daqui se espalhou pelo mundo, devido à hegemonia política, econômica e militar dos Estados Unidos na segunda metade do século XX. O Rock and roll como forma musical e como fenômeno da vida cultural (com todas as manifestações que ocorreram a seu lado - moda, política e comportamento) *"talvez seja a exportação norte-americana mais duradoura, com exceção da coca-cola, das revistas em quadrinhos e do exército"*, na opinião de Jim Miller, editor da revista Rolling Stone¹

O rock dos anos 60 foi herdeiro da geração "beatnik", dos poetas e intelectuais que desprezaram "american way of life" e soltaram-se no hedonismo e na festa do jazz e das drogas dos bairros boêmios de Nova Iorque e São Francisco. Uma tribo que resolveu viver o seu próprio "american dream" e fez sua poesia na velocidade das "highways" (estradas) que cortaram o país, nos bares enfumaçados habitados pela gente comum, pelas não-celebridades, não-pessoalidades. Escritores como Jack Kerouak, que escrevia velozmente, tentando criar uma prosa no ritmo do improvisado frenético dos solos do jazz bebop. Profetas da velocidade, da fruição do momento, infinito e profundo enquanto durasse. Párias da sociedade bom-mocista, que atravessaram as extensões desabitadas dos desertos americanos pelas novas e velozes vias asfaltadas e escreveram seus relatos

libertários em prosa e poesia sob o signo da velocidade e da fraternidade do jazz, do álcool e das drogas. A velocidade que era possível nos espaços amplos através das máquinas cada vez mais possantes e dos meios de comunicação que cresciam em seu alcance. Esta é uma América. A América do Norte, como os norte-americanos a chamam, como seu fosse só sua. Este é apenas um retrato 3x4. Uma de suas múltiplas facetas.

Baudrillard fez um relato assombrado e ao mesmo tempo assustado sobre a América (do Norte). Ele se refere à velocidade naquela sociedade da seguinte maneira:

“A velocidade é o triunfo do efeito sobre a causa, o triunfo da instantaneidade sobre o tempo como profundidade, o triunfo da superfície e da objetividade pura sobre a profundidade do desejo. A velocidade cria um espaço iniciático que pode implicar a morte e do qual a única regra consiste em apagar os vestígios. Triunfo do esquecimento sobre a memória, a embriaguez inculta, amnésica. Superficialidade e reversibilidade de um objeto puro na geometria pura do deserto. Rodar cria uma espécie de invisibilidade, de transparência, de transversalidade das coisas pelo vazio.”²

Noto o incômodo e o desconforto do olhar europeu com o enorme espaço físico livre que a grande extensão geográfica americana proporciona ao homem e da cultura que se desenvolveu ali. Transparece seu assombro com os grandes desertos e suas formações rochosas que parecem obra de arquitetura fractal, construída em escala monumental, que reduzem o homem à dimensão de uma formiga. Isto bate com força no antropocentrismo europeu, agarrado às raízes centenárias de sua cultura conservadora, por sua vez dividida em alta cultura (ou erudita), de fruição sofisticada acessível apenas aos iniciados no rito, ou cultura popular-folclórica, pouco elaborada esteticamente e com função de conservação de identidade. Não que Baudrillard seja um

conservador, mas ele nasceu, cresceu e vive imerso no ambiente racional, acadêmico, sobre o qual até tem uma visão crítica, mas muito pessimista, que concede no máximo a constatação da não existência da ordem (pretendida) anterior da utopia racional que deveria ser o “devir”. As “lentes europeias” (francesas) de seu olhar sobre a América, admiram e estremecem ante a visão da América, a terra da técnica e da velocidade, da comunicação de massa e da grande, enorme classe média com seus seriados de televisão e suas máquinas de coca-cola, hamburgeres, sacos de pipoca, conflitos raciais, guetos nova-iorquinos, gangues de Los Angeles, trabalhadores ilegais e jogos de baseball. Povo que forjou sua cultura na ideologia que tinha na fachada o “melting pot”, caldeirão de raças, que na verdade não se fundia como anunciado, mas que encontrou formas cotidianas de vivência, onde novas formas estéticas e culturais híbridas nasceram.

Não consigo enxergar algo construtivo na visão de Baudrillard (a não ser a oportunidade do questionamento que reforça o resultado do pensar científico), no seu negativismo e na sua negação das novas formas de organização social e cultural, apenas porque antigas categorias da organização do saber sociológico, calcadas em uma racionalidade e no pensar ideológico não servem mais para explicar nosso cotidiano. Em alguns momentos Baudrillard me parece apenas olhar para trás e constatar que o que existe agora não é mais o que era antes. Até aí, nada de novo. Será que sua visão acurada é traída por seu pessimismo ao tentar entender o atual momento?

Muitos intelectuais europeus não conseguem assimilar facilmente esta cultura mais jovem, sem raízes profundas, onde ainda se percebem traços de suas formas ancestrais (europeias), anteriores à fusão. Uma composição social móvel, com estrutura de mosaico, mediada e suportada por tecnologias mecânicas e eletrônicas modernas e pós-modernas que fazem com que a informação circule rápido, seja por estradas de rodagem, linhas de trem, rotas aéreas, cabos telegráficos,

ondas hertzianas, discos de vinil, Compact Discs, cassetes, disketes, CD-ROMs, linhas telefônicas, satélites de comunicação, redes de computadores ou qualquer outro meio igualmente veloz. A informação neste meio não se estabiliza. Mas é amplificada, e as manifestações artísticas e culturais são amplificadas através da mídia, que em certos momentos cria mitos que, como analisou Edgar Morin em "As Estrelas", em certos momentos - ou se analisados de determinados ângulos - são necessários à sociedade humana.

A velocidade

Para apavorar mais os que buscam a "estabilidade" através da ordem moderna, ainda há a velocidade com que se passa por este "cenário americano", através das "highways" (rodovias expressas) com suas retas que se perdem no infinito do horizonte. Não há ordem européia estabelecida, hierarquia do saber, estabilidade burocrática, que resista à experiência mística destas dimensões do vazio monumental sendo percorridas em alta velocidade, trazendo à visão um mosaico de imagens, e sensações de liberdade e, ao mesmo tempo, solidão e impotência diante da natureza.

A estabilidade e as "raízes européias" têm dificuldades de entender a velocidade e a transitoriedade americanas. Nosso processo de hibridação é mais dinâmico. Vejamos o que Baudrillard afirma em suas impressões sobre a América (os Estados Unidos):

"A velocidade é criadora de objetos puros, ela própria é um objeto puro, pois que apaga o solo e as referências territoriais, pois que refaz o percurso do tempo para o anular, pois que vai mais rápida do que a sua própria causa e reconstitui-lhe o curso para a aniquilar.

...rodar cria uma espécie de invisibilidade, de transparência, de transversalidade das coisas pelo vazio. É uma espécie de suicídio moroso, pela extenuação das formas, forma aprazível de seu desaparecimento."³

De certa forma Baudrillard percebe os fenômenos como Maffesoli, mas sua interpretação é negativa, não vê na dissolução das formas o início de um novo reordenamento, não vê neste movimento presente uma gênese de um futuro. Ou será que a possibilidade de que este futuro não venha ser controlado pelo racionalismo organizador moderno faz com que o pensador o negue? Será que o pensador não se dispõe a pensar outras formas de relacionamento, na regência dos fenômenos sociais pela emocionalidade, pelo amor?

Conclusão... Conclusão?

Ao longo do século XX a tecnologia acelerou o processo da troca de informações, precipitou processos, acabou com uma estabilidade dos conteúdos do saber, das formas estéticas estabelecidas e reinantes por séculos. A velocidade assusta quem não está acostumado com ela. A velocidade desestabiliza. A velocidade arranca raízes. Cria, destrói e recria formas estéticas, culturais e meios de convivências. A vida social do homem em todos os seus níveis sempre esteve condicionada pelas tecnologias que a sociedade dispunha para suas atividades diárias. O século XX assistiu a um grande ciclo de desenvolvimento das tecnologias de comunicação, o que está gerando reacomodações por todos os cantos do planeta. Por mais caóticos e violentos que sejam os processos, eles são nosso retrato. Estamos vivendo um processo dolorido de "reencantamento" (Maffesoli) através de emoções partilhadas em conjunto, em nossos pequenos grupos de indivíduos que compõem uma grande massa de seres que fazem parte de um frágil sistema deste planeta.

O rock, música de base musical simples (a princípio), acessível a jovens, possibilitou o "fazer da existência uma verdadeira obra de arte através do agir criativo sobre o que se tem ao alcance das mãos".⁴ Ao longo da história do rock sempre houve e existem ainda grupos de jovens em algum bairro de uma cidade juntos em suas bandas de "skiffle" (Liverpool,

década de 50), ou de "rock de garagem" (Estados Unidos anos 60 e depois 80), ou "punk rock" (Inglaterra década de 70) ou "grunge" (Estados Unidos, anos 90), buscando divertir-se por algumas horas com a criação estética, sonhando serem reconhecidos, ganhar em fama (visibilidade social) e fazer um "estilo". É a sua maneira de estar juntos, de buscar um consenso, mais afetivo, emocional do que racional de conviver no ambiente pós-moderno. Basta lembrar das brigas entre "mods" e "rockers" nos anos 60 ou entre "skinheads" (neonazistas) e "punks" (anarquistas) nos anos 80, na babel fortemente segregada que é a sociedade inglesa. Mas o agrupamento é necessário, pois como diz Maffesoli "o indivíduo, longe de ser um átomo isolado, só pode existir e crescer quando assume um papel em um ambiente de comunhão. O que permite a todos exprimir e viver muitas potencialidades de seu ser".⁵

Pensando melhor... Resumo

1. A tecnologia é mediadora da vida humana em sua relação com o meio físico e social.

2. As mudanças tecnológicas acarretam mudanças culturais, sociais, artísticas, políticas e econômicas.

3. A tecnologia deu um salto no século XX.

4. Este salto desestabilizou relações antigas - como sempre as novidades tecnológicas o fizeram.

5. O salto tecnológico e o poder da tecnologia de comunicação provocaram mudanças mais rápidas do que já se havia experimentado.

6. Novas formas de relacionamento cultural e de fruição artística surgiram, mediadas pela tecnologia de comunicação de massa: vimos o exemplo do rock como fenômeno artístico, cultural e comportamental da pós-modernidade.

7. Novas tecnologias de cognição e apreensão de conteúdos se apresentam. O signo visual ganha força. A linguagem escrita,

a lógica, o cartesianismo e a racionalidade que se baseiam na escrita passam a conviver com a imagem, estática ou em movimento, e o som agora mais facilmente manipuláveis e transmissíveis através da eletrônica e da informática.

8. Um novo ambiente surge muito rapidamente. O da globalização. Ainda pouco se conhece o que vem a ser. Pouco controle se tem sobre este processo. Alguma vez já se teve controle sobre ele? O que pode acarretar? Devemos ter medo da queda das fronteiras? Da perda de identidade? Será que realmente perderemos a identidade ao cruzar fronteiras? Por que o medo da técnica - da tecnologia? Por que medo do futuro?

*"...Só quem não amar os filhos
vai querer dinamitar os trilhos da estrada
onde passa a passarada
passa agora a garotada
com destino ao futuro*

*Deixa ele tocar o rock
deixa o choque da guitarra
tocar o santeiro do barro do motocross
quem sabe ele molde
um novo santo padroeiro*

*outrora o seio materno
agora o meio da rua, na lua, nas novas
manhãs,
outrora o céu e o inferno
agora o saber eterno
do velho sonho dos titãs..."*
(Rock Santeiro, O Rock - Gilberto Gil)

Por que o medo da globalização? Por que o medo de abolir as fronteiras?

*"...Riquezas são diferentes
O sol não causa mais espanto
Miséria é miséria em qualquer canto.
Cores, raças, castas, crenças
Riquezas são diferenças"*
(Miséria - Arnaldo Antunes, Sérgio Britto e Paulo Miklos - "Titãs") •

Notas

- 1 Miller, Jim. 'Introdução', in *The Rolling Stone Illustrated History of Rock & Roll*. 1980, New York, Random House/Rolling Stone Press Book.
- 2 Baudrillard, Jean. *América*. Rio de Janeiro, Roco, 1986, pgs. 11-12
- 3 Baudrillard, Op.Cit. pg 11.
- 4 Maffesoli, Michel. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre, Artes & Ofícios, 1995, pg. 68
- 5 Maffesoli, Michel. Op. cit, pg 79.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. *América*. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do Mal*. São Paulo, Papirus Editora, 1992.
- BAUDRILLARD, Jean. Entrevista publicada no *Jornal do Brasil*, edição de 18/10/1996.
- FURET, François. 'A Doença Senil do Marxismo'. Entrevista publicada no jornal *Zero Hora*, edição de 9/11/1996.
- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. São Paulo, 34, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre, Arte & Ofícios, 1995.
- MATTELART, Armand. *Comunicação Mundo: História das Idéias e das Estratégias*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994.
- MILLER, Jim (org). *The Rolling Stone Illustrated History of Rock & Roll*. New York, Random House/ Rolling Stone Press Book, 1980.
- MORIN, Edgar. *Para Sair do Séc. XX*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- MORIN, Edgar, & KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre, Editora Sulina, 1995.

NETO, Argemiro de Figueiredo. 'Rock In Rio: A Gênese da Nova Onda'. Tese de Mestrado. Universidade de Brasília, 1990 (cópia xerográfica).

VIRILIO, Paul. *A Arte do Motor*. São Paulo. Estação Liberdade, 1996.